



S.C.A. Sociedade das Ciências Antigas

O Livro dos Sábios (1870)

Eliphas Levi (Alphonse Louis Constant) (1810–1875)

fonte digital S.C.A. - SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS ANTIGAS

<http://www.geocities.com/Athens/2341/>

Acosta1@ibm.net

versão para RocketEdition™ eBooksBrasil.com

© 2000 – S.C.A.

ÍNDICE

introdução

Prefácio da Edição Francesa de 1912
DISCUSSÃO EM FORMA DE DIÁLOGO
Primeiro Diálogo: Um Clérigo e Eliphas Levi
Segundo Diálogo: Um Filósofo e Eliphas Levi
Terceiro Diálogo: Um Panteísta e Eliphas Levi
Quarto Diálogo: Um Israelita e Eliphas Levi
Quinto Diálogo: Um Protestante e Eliphas Levi
Sexto Diálogo: Um Médico e Eliphas Levi
Sétimo Diálogo: Um Doutor e Eliphas Levi
Oitavo Diálogo: Um Sacerdote e Eliphas Levi
Nono Diálogo: Um Espírita e Eliphas Levi
Décimo Diálogo: Um Iniciado e Eliphas Levi

RESUMO GERAL – Por definições e aforismos

Capítulo I – A Religião

Capítulo II – A Moral

Capítulo III – A Natureza

Capítulo IV – O Magnetismo

Capítulo V – A Morte

Capítulo VI – Satã

Capítulo VII – Ocultismo

Capítulo VIII – A Fé

Capítulo IX – A Ciência

Capítulo X – A Ação

Capítulo XI – A Força e Seus Auxiliares

Capítulo XII – A Paz Profunda

O Livro dos Sábios



por Eliphas Levi

Introdução

Publicar o "LIVRO DOS SÁBIOS", expressa grande reverência ao Mestre que, pelo ano de 1850, começou a era da ampla e conhecida divulgação dos mistérios iniciáticos reais, os quais não haviam sido jamais publicados na Europa de forma tão clara, metódica e completa; tanto assim que, Papus, proclama com respeito e júbilo, sua admiração por Eliphas Levi, quem depois de ter verificado toda a tradição oriental, judaico-cabalística e cristã, põe de manifesto em suas obras, a identidade absoluta dos ensinamentos tradicionais, demonstra a realidade da realização mágica e deixa na mais absoluta evidência o funcionamento das leis do mundo e da relação de todos os seres: naturais, humanos e celestes, dando até o detalhe das conseqüências morais, sociais e teológicas que resultam de tão admirável explanação.

As obras de Eliphas Levi causaram, não somente um movimento de interesse nos estudos da verdade esotérica, se não que, até os Rosa-cruzes da Inglaterra, aos quais Eliphas Levi estava afiliado, "protestaram", por achar que ele havia sido demasiado claro nas suas revelações. O que o público não soube então e que, ainda hoje, poucos sabem, é que Eliphas Levi iniciava assim a ação que, alguns lustros depois, Papus comentaria com as seguintes palavras: "Sempre pode-se dizer tudo, porque somente compreenderá quem deve compreender". O "Livro dos Sábios", verdadeira Síntese de toda a realização de Eliphas Levi, é precisamente isso:

"Um Verbo Humano claro, preciso como um teorema, honesto como uma lei natural em ação, belo como uma elegia espontânea, vibrante como um hino de amor ao Criador e as suas múltiplas manifestações. Um Verbo Humano que chega a unir-se em tal forma ao Verbo Manifesto que reflete a sua Verdade, com Sua modéstia e Sua beleza." Discípulos reverentes de Eliphas Levi e de Papus, hoje, não poderíamos deixar de por em primeiro plano e de publicar em primeiro plano a obra do

Mestre que, podendo ter sido um Príncipe da Igreja Romana preferiu ser o modesto, quase miserável dono de uma banca de verduras, com cuja ocupação sintetizava a dupla condição de humildade e sacrifício, e de ocultar com anteface simbólica, sob o "homem" esquecido por todos, o SER luminoso colocado à serviço da Verdade; o Hierofante Secreto, cuja ação perdura, multiplicando-se no silêncio, como a Pedra Filosofal. Colocamos à disposição dos Homens de Desejo esta jóia do saber e da devoção.

Sociedade das Ciências Antigas

PREFÁCIO DA EDIÇÃO FRANCESA DE 1912

(Chez Charconac – 11 Quai Saint-Michel – Paris) "Dedicado ao meu amigo, o Barão Spedalieri"

Este livro contém os princípios e os elementos dessa terceira revelação, que o conde Joseph de Maistre dizia ser necessário para o mundo. Esta terceira revelação não pode ser senão a explicação e a síntese das outras duas. Ela deve conciliar a ciência e o dogma, a autoridade e a liberdade, a razão e a fé. Nós preparamos a semente, outros a semearão. Quem escreveu estas páginas está longe de achar-se um profeta. Vê a verdade e a escreve. Sua autoridade é a evidência, e sua força é a razão. Fala para os sábios e espera o escárnio e o desdém dos loucos.

Escreve para os fortes e não será lido pelos fracos, aos quais inculcará o medo às suas doutrinas.

Este livro está dividido em duas partes; a primeira, contém diálogos que reúnem toda a polêmica religiosa e filosófica do presente século. A segunda, contém definições e aforismos. Não há aqui nem flores de retórica, nem frases. Há duas coisas eternas, e só elas, tem preocupado o autor: a justiça e a verdade.

ELIPHAS LEVI

DISCUSSÃO EM FORMA DE DIÁLOGO

PRIMEIRO DIÁLOGO

UM CLÉRIGO e ELIPHAS LEVI

O CLÉRIGO — Tuas pretensas ciências vêm do inferno e tuas razões são blasfêmias.

ELIPHAS LEVI — Não sei se tua ignorância vem do céu, porém, tuas razões assemelham-se muito às injúrias.

O CLÉRIGO — Eu chamo as coisas pelo seu nome; pior para ti se estes nomes te resultam injuriosos. Como tu, que tendo saído da Igreja, que procurando ajudar a impiedade a minar em sua base seu edifício eterno, tens o louco orgulho de crer que ela vacila sob os golpes de teus semelhantes; e para o cúmulo do ultraje, estendes, para sustentá-la, tua mão sacrílega?

Não temas a sorte de Oza, a quem Deus castigou mortalmente, porque, com intenção melhor que a tua e com mãos talvez mais puras, quis sustentar a arca Santa?

ELIPHAS LEVI — Detenho-te aqui, Senhor; citas a Bíblia sem compreendê-la e preferiria em teu lugar, compreendê-la sem citá-la. A morte de Oza, da qual me falas, assemelha-se um pouco ao trágico fim dos quarenta e dois meninos devorados pelos ursos por terem-se rido do profeta Eliseu, que era calvo. Felizmente, diz Voltaire à este respeito, não existem ursos na Palestina.

O CLÉRIGO — Então a Bíblia é um tecido de mentiras e ris dela como Voltaire?

ELIPHAS LEVI — A Bíblia é um livro hierático, ou seja, sagrado; está escrita em estilo sacerdotal, misturado com histórias e alegorias.

O CLÉRIGO — Somente a Igreja tem o direito de interpretar a Bíblia. Crês na sua infalibilidade?

ELIPHAS LEVI — Sou da Igreja e não tenho dito e nem escrito nada que seja contrário aos meus ensinamentos.

O CLÉRIGO — Admiro tua desenvoltura. Não és um livre pensador? Não crês no progresso? Não admites as temeridades da ciência moderna que dá todos os dias desmentidos à Santa Escritura? Não acreditas na antigüidade indefinida do mundo e na diversidade, seja simultânea, seja sucessiva das raças humanas? Não consideras como mito ou fábula, o que é a mesma coisa, a história da maçã de Adão, sobre a qual fundamenta-se o dogma do pecado original? Porém, tu sabes bem que então tudo se derruba, não mais revelação nem encarnação, pois todo o cristianismo não tem sido mais que um longo erro; a Igreja não pode se manter senão prescrevendo o bom senso e propagando a ignorância? Admites isto e ousas chamar-te católico?

ELIPHAS LEVI — Que quer dizer a palavra católico? Não quer dizer universal? Creio no dogma universal e me cuido das aberrações de todas as seitas particulares. Suporto-as porém, na esperança

de que o progresso se cumprirá e de que todos os homens se reunirão na fé das verdades fundamentais; o que tem-se cumprido já naquela sociedade conhecida em todo o mundo, chamada franco-maçonaria.

O CLÉRIGO — Ânimo Senhor, tiras a máscara por fim, completamente; és sem dúvida Franco Maçom e sabes perfeitamente, que os Franco-Maçons acabam de ser excomungados recentemente, pelo Papa.

ELIPHAS LEVI — Sim, o sei; e, desde então, tenho deixado de ser Franco-Maçom, porque os Franco-Maçons excomungados pelo Papa, não acreditavam que deviam tolerar o catolicismo. Tenho me separado deles, para resguardar a minha liberdade de consciência e para não me associar as suas represálias, talvez desculpáveis, se não legítimas; porém, seguramente inconseqüentes, já que a essência da Maçonaria é a tolerância à todos os cultos.

O CLÉRIGO — Queres dizer, a indiferença em matéria de religião?

ELIPHAS LEVI — Dizes em matéria de superstições.

O CLÉRIGO — Oh! Sei que para ti, a Religião e a superstição são uma só e mesma coisa.

ELIPHAS LEVI — Creio, pelo contrário, que são duas coisas opostas e inconciliáveis, tanto que, aos meus olhos, os supersticiosos são ímpios. Quanto à religião, não há mais que uma. E não tem havido nunca, senão uma verdadeira. É a esta que chamo verdadeiramente de Católica ou universal. Um muçulmano pode praticá-la como o tem demonstrado muito bem o emir Abd-el-Kader, quando salvou os Cristãos de Damasco. Esta religião é a Caridade; o símbolo da caridade é a Comunhão; e o oposto da comunhão é excomunhão; comungar é evocar a Deus, excomungar é evocar ao diabo.

O CLÉRIGO — É por isto que tens o diabo no corpo, pois com certeza, semelhantes doutrinas fazem de ti um excomungado.

ELIPHAS LEVI — Se eu tivesse o diabo, serias tu quem me o teria dado, e eu não seria, por certo, bastante mau para devolvê-lo a ti; tratá-lo-ia como os comerciantes tratam as falsas moedas, que pregam-nas no seu balcão para retirá-las de circulação.

O CLÉRIGO — Não quero escutar-te mais. És um extravagante e um ímpio.

ELIPHAS LEVI — (Rindo). Sabes tudo a meu respeito! E falas coisas das quais estou longe de suspeitá-las em mim; não sou tão sábio e não direi o que és. Faço-te observar, somente que o que me dizes, não é nem caritativo nem cortês.

O CLÉRIGO — És um dos mais perigosos inimigos da Igreja.

ELIPHAS LEVI — É o senhor de Mirville que tem dito isto. Porém, eu responderei à ele, como à ti, com estes versos do nosso bom e grande La Fontaine:

NADA É MAIS PERIGOSO DO QUE UM AMIGO IMPRUDENTE;
MAIS VALERIA UM INIMIGO SÁBIO

SEGUNDO DIÁLOGO

UM FILÓSOFO e ELIPHAS LEVI

O FILÓSOFO — (Entrando) — Que fazias com aquele energúmeno?

ELIPHAS LEVI — Nada muito bom, creio; teria apreciado poder acalmá-lo, no entanto, só consegui enraivecê-lo ainda mais.

O FILÓSOFO — Também, que tens a fazer com semelhante gente? E porque obstinas em declarar-te ainda católico? Alijas-te de ti os livres pensadores e os católicos te desprezam.

ELIPHAS LEVI — É um mal entendido.

O FILÓSOFO — Do qual és a causa. Porque te obstinas em dizer "cachorro" quando se trata de "gato"?

ELIPHAS LEVI — Não creio ter me permitido semelhantes excentricidades de linguagem; chamo as coisas pelo seu nome, porém tem me acontecido ver cachorros e gatos que se entendem maravilhosamente.

O FILÓSOFO — Isto nada prova em favor de teu sonho que é um acordo impossível entre a religião e a ciência, entre a autoridade dogmática e a liberdade de exame.

ELIPHAS LEVI — Porque impossível?

O FILÓSOFO — Porque a religião é o sonho que quer fazer a lei para a razão; é o absurdo que se impõe com a obstinação da loucura; é o orgulho da ignorância que, para se crer sobrenatural, inventa virtudes contra a natureza; é Alexandre VI posto no lugar de Deus; é a chave do céu colocado nas mãos sangrentas dos inquisidores.

ELIPHAS LEVI — Não, a religião não é nada disso; a religião é a fé, a esperança e a caridade.

O FILÓSOFO — À que chamas fé?

ELIPHAS LEVI — A fé é a afirmação do que deve ser; e, a aspiração confiada no que é bom esperar.

O FILÓSOFO — Vamos sair das nuvens, se permites. Dizes católico; pois bem, sabes o que é um católico?

ELIPHAS LEVI — Católico quer dizer universal; um católico é aquele que se religa às crenças universais, ou seja, à religião única, cujo fundo encontra-se nos dogmas de todos os povos e de todos os tempos.

O FILÓSOFO — Não senhor, um católico, de acordo com Veillot, a quem Roma não condena, é aquele que crê que Jesus Cristo é o único Deus e que fala pela boca do Papa.

ELIPHAS LEVI — Deixemos Veillot e raciocinemos.

O FILÓSOFO — Não, já que falamos de religião, bem sabes que, segundo um padre da Igreja, muito autorizado, o objeto da crença é o absurdo.

ELIPHAS LEVI — O infinito não é absurdo? Entretanto, a ciência está obrigada a acreditar nele. O eterno acercamento de duas linhas que jamais se tocarão, não é por acaso um absurdo?; sem dúvida, a geometria se vê obrigada a admiti-lo. Existem absurdos de duas espécies: uns são senão aparentes e são aqueles que vem de uma falha da nossa inteligência; outros são evidentes: as afirmações contrárias às verdades demonstradas; agora, a religião não nos obriga a aceitar estas últimas.

FILÓSOFO — Não entremos no labirinto de teus mistérios. O dogma emaranhado à gosto de teus teólogos, me daria fáceis possibilidades de controvérsia; porém, estas antigalhas estão abandonadas hoje em dia, que não nos preocupamos mais com elas, nem mesmo para rir. Resumindo, o Cristianismo está superado pelo progresso há tempos; e se queres pôr vinho novo em teu odre velho, perderas o odre e o vinho! Deixa o velho catolicismo morrer em paz; ele não te aceita; és para ele um renegado e um sacrílego; tens o valor de teu livre pensamento e deixa aos mortos sepultar os mortos. Fazer ridículos esforços para conciliar a civilização moderna é o "syllabus"; e na verdade, que isto deve matar àquilo. Queres conciliar Polichinelo e a Força; porém Polichinelo não quer ouvir falar desta e pensa em enforcar ele mesmo, ao verdugo, não importando os arranhões do gato. Perdoa-me se sou pouco sério; é porque na verdade, tua fé de expedientes e de preconceitos não é séria; ela exagera o absurdo para aumentar seus malabarismos. Pode ser muito bonita, porém isso não é útil à ninguém e se torna muito molesta para ti.

ELIPHAS LEVI — Deixemos de lado meus interesses pessoais, não os tenho e não quero ter outros a não ser os da verdade.

O FILÓSOFO — Pois bem. A verdade, a verdade evidente para qualquer pessoa de boa fé, é que não existe relação universal, e as religiões devoram-se entre si. Todos os sectários afirmam que Deus lhes tem falado, porém, bem sabes que Deus não fala nunca senão que pela boca de seus sacerdotes, que se amaldiçoam uns aos outros e não estarão, de acordo jamais. Queres conservar o dogma e suprimir o sacerdote, porém eles se equilibraram entre si e até se suportam mutuamente. Deus é o sacerdote do céu, assim como o sacerdote afirma ser Deus na terra. Dispensas ao sacerdote; ele levará seu Deus e te provará que és ateu.

ELIPHAS LEVI — Eu não quero dispensar a ninguém, senão que desejaria iluminar a todos.

O FILÓSOFO — Talvez, até aos sacerdotes?

ELIPHAS LEVI — Sobretudo aos sacerdotes, porque lhes devo a minha primeira educação.

O FILÓSOFO — Não o digas; pois, nota-se bastante. Entre eles é que aprendestes às conciliações jesuíticas e às asserções com segundas intenções.

ELIPHAS LEVI — Eu escrevo sobre ciências ocultas.

O FILÓSOFO — Entendo, e acreditas que tens que ocultar teu pensamento; porém, haveria um meio bem simples para ocultá-lo; seria o de não escrevê-lo.

ELIPHAS LEVI — E de não falar; porém, então eu não teria a vantagem de discutir hoje contigo.

O FILÓSOFO — Eu não discuto as tuas crenças, condeno-as em nome da ciência e do progresso.

ELIPHAS LEVI — Mas como! Até a minha crença em Deus, na imortalidade da alma, na solidariedade entre todos os homens e no espírito da caridade?

O FILÓSOFO — Estas são, talvez, idéias respeitáveis; porém, que não existem e não poderiam existir para a ciência, pois não são nem demonstráveis nem demonstradas.

ELIPHAS LEVI — De forma que, não acreditas em nada?

O FILÓSOFO — Perdoa-me; creio na natureza, na ciência e no progresso.

ELIPHAS LEVI — Tuas crenças, são as minhas; não se trata senão de nos entendermos; e, antes de outra coisa, o que é a natureza para ti?

O FILÓSOFO — Força e matéria.

ELIPHAS LEVI — Como? Sem espírito?

O FILÓSOFO — O espírito é a força diretriz.

ELIPHAS LEVI — Muito bem, não te peço mais; acrescentarei só "evocadora" e teremos encontrado a Deus.

O FILÓSOFO — Deus, sempre Deus! Não posso sentir esta palavra, ela não pertence à ciência.

ELIPHAS LEVI — É verdade, pertence à fé; porém, a ciência não pode prescindir-se dela.

O FILÓSOFO — É o que eu nego.

ELIPHAS LEVI — Sim, sem poder provar a força da tua negação.

O FILÓSOFO — A ti cabe provar, já que afirmas.

ELIPHAS LEVI — Afirmo que a fé existe e que ela está na natureza do homem. Afirmo que a fé é razoável, dado que a ciência está limitada. Afirmo, por fim, que a fé é necessária, porque, como tu, acredito no progresso. Sem a fé, a ciência não leva senão à dúvida absoluta e ao desgosto por todas as coisas. Sem a fé, a vida não é senão um sonho, que terminará, sem o despertar, no nada. Sem a fé, os afetos são vazios, a honra não é mais do que engano, a virtude, mentira; e, a moral, decepção. Sem a fé, a ciência não é mais do que o despotismo das riquezas; a igualdade é impossível e a fraternidade não existe. "Filósofos do ateísmo, partidários da força cega e da matéria motriz, vós não sois homens de progresso. À um de nossos mestres, no século passado, já fizestes rir; chamava-se Lamatthie e era um dos médicos do rei da Prússia. É triste vos ver malgastar tanto espírito para provar que sois bests." Digo-te senhor, não poderias ser dirigido, pois credes na força inteligente e no progresso. A força inteligente é o espírito e o progresso é a imortalidade.

O FILÓSOFO — Tudo isto não está demonstrado, Porém o que é evidente para ti não o é para mim?

ELIPHAS LEVI — Estendo-te a mão e separemo-nos como bons amigos.

O FILÓSOFO — Adeus, pois!

ELIPHAS LEVI — Sim, à Deus! Pois pretendes não crer em Ele apesar de que o invocas sem pensar.

TERCEIRO DIÁLOGO

UM PANTEÍSTA e ELIPHAS LEVI

O PANTEÍSTA — É impossível conceber um Deus que seja outra coisa que a universidade dos seres.

ELIPHAS LEVI — Muito bem. És um discípulo de Espinoza, e te direi, no entanto, que nunca existiu e que não existe outro Espinoza senão que a coleção das obras deste filósofo.

O PANTEÍSTA — Esta é uma brincadeira de mau gosto. Bem sabemos que são homens que fazem os livros e que os "in-folio" não gravitam por si mesmos no espaço. Porém, não acontece o mesmo com os mundos; a lei fatal do movimento equilibrado os produz e pode destruí-los nas revoluções necessárias do Universo eterno.

ELIPHAS LEVI — Assim o nosso universo é fatal; é, por conseqüência, cego e surdo como a fatalidade. Como, pois, pode dar-nos a inteligência que não possui?

O PANTEÍSTA — O universo é inteligente e é por isso que o chamo de Deus.

ELIPHAS LEVI — Acreditas que no homem é o corpo o que produz o fenômeno do pensamento?

O PANTEÍSTA — Sinto o pensamento em minha cabeça e sei que ele se produz no meu cérebro.

ELIPHAS LEVI — Sim, como a música sobre um violino.

O PANTEÍSTA — Oh, vamos devagar! Queres dizer que nossa alma serve-se do cérebro como de um instrumento; porém, este instrumento só os anatomistas conhecem seu mecanismo? A criança que começa a pensar nem sequer sabe que possui um cérebro e não se imagina em utilizar suas fibras e seus recursos. O cérebro funciona, pois, por si mesmo, sob o duplo impulso da natureza e da vida.

ELIPHAS LEVI — O sentido, comum assegura-nos que, nosso cérebro é alguma coisa, porém não é alguém. É algo do qual alguém determinou a forma e o uso e, se existem instrumentos que parecem tocar sozinhos, estes instrumentos não revelam senão a existência de um mecânico hábil e de uma música que o instrumento não inventa.

O Panteísta — Penso que é como dizes, porém, para mim, o grande mecânico e o músico das harmonias da natureza, é o imenso, o eterno universo, que é pela própria necessidade de ser, que é infinito, ao qual atribuí as funções inúteis do Criador. A palavra criação, por outro lado, é um absurdo; sim se supõe que do nada pode sair algo; a substância é uma, infinita, eterna; as criações sucessivas e espontâneas não são mais que manifestações de aparências; combinações físicas; todas as ciências naturais tendem hoje a demonstrá-la. Tu mesmo estas constrangido em admiti-lo e não acreditas já no Deus despótico e caprichoso da Idade Média; no Deus inimigo da natureza, no Deus da vingança e dos milagres. Consideras a Deus como a alma do universo, a alma diferente do corpo, dizes; porém, inseparável, acrescentarei, já que Deus não pode morrer. Sem o fenômeno da morte que deixa o corpo inerte e gelado, o homem seria indivisível e não se diferenciaria sua alma do seu corpo. Não é, com efeito, a alma só que vive; é todo o homem, inteiro; e o pensamento é a luz da vida. Não diferenciamos, pois, a alma do universo, do universo mesmo; o universo é o grande todo,

inteligente e visível. Quando pensa, se lhe chama espírito, quando toma uma forma é matéria; porém, a matéria e o espírito não são dois seres, são duas formas de existência. A substância eterna e infinita é a gênese do pensamento e da forma; não fora de si mesma onde não existe nada, senão em si mesma e por si mesma. É a isto que chamamos Deus.

ELIPHAS LEVI — Deixei que falasses e penso como tu sobre muitos pontos; porém, não admitirei jamais que Deus seja o universo, porque isto me devolveria à idolatria dos séculos ignorantes em que adorava-se o Sol e a Lua; tudo é de Deus, com certeza, porém, tudo não é Deus e a liberdade humana não deve deixar-se absorver pela grande fatalidade Divina que pareces admitir. Se tudo fosse Deus, o homem não seria responsável por nada e a moral seria uma quimera. Que idéia, então, nos caberia a Sabedoria Divina, os erros e as tolices humanas? Se entretanto fossemos absurdos, Deus seria ridículo. Deus mesmo seria o autor do mal e assim negar-se-ia a si mesmo; ou, a palavra de Deus não teria já sentido razoável. Deixemos ao deus Pan dos antigos, suas flautas e seus cornos. Quando Jesus, morrendo sobre a Cruz, tinha proclamado a inviolabilidade da consciência humana e a liberdade da fé, confirmada pelo direito ao martírio, um piloto misterioso, chamado Thamuz, gritou às ilhas que o grande Pan havia morrido e escutaram-se vozes confusas que choravam o gigante da mitologia antiga. Deus, na humanidade, acabava de triunfar sobre a fatalidade e sobre a morte e a humanidade volta-se Divina, não por usurpação sacrílega ou por confusão das naturezas, senão por uma sublime aliança.

O PANTEÍSTA — Detém-te e não prolongues estas frases de sermão. És livre para elogiar ainda o Cristianismo; porém, ele é o que agora está morto e o grande Pan ressuscitou. O Cristianismo foi uma doença do espírito humano e faltou pouco para que a nossa pobre terra se tornasse uma morada de loucos; a demência da fé cega colocada acima da ciência e da razão, a dor preferida ao prazer, a miséria à riqueza, o celibato contra a natureza esgotando as fontes da fecundidade, o fanatismo feroz se impondo pelo ferro e o fogo, a autocracia dos sacerdotes, o embrutecimento dos homens, a miséria dos povos; eis aí o Cristianismo. Ele é julgado pelas suas próprias armas.

ELIPHAS LEVI — Assim, segundo tu, fez-se bem em crucificar a Jesus Cristo, e se Nero tivesse conseguido extirpar o Cristianismo, teria sido ele o verdadeiro salvador do mundo?

O PANTEÍSTA — Nada prova a existência histórica de Jesus Cristo. O Cristianismo é uma corrente de idéias que não provém de um só homem e tu mesmo tens afirmado e provado que o Cristo dos Evangelhos é uma figura simbólica do homem liberado dos servidões legais, sacrificando-se livremente pelo triunfo da verdade e da justiça. Segundo o mito sagrado, seu sacrifício era necessário para a salvação do mundo e os que o crucificaram foram os executores da alta justiça de Deus. No que se refere a Nero e a outros perseguidores, são universalmente condenados pela consciência humana. A verdade não deve impor-se pelo temor, deve provar-se pela razão; porém, os pagãos, os judeus e os cristãos foram todos igualmente fanáticos; e, de vítimas que foram desde o começo, tornaram-se verdugos desde o momento em que puderam sê-lo com impunidade. Nero não é mais espantoso do que São Domingos; Torquemada e Domiciano; e ainda há gente que chora a ausência das dragonadas. Conheces, por outro lado, a célebre máxima atribuída ao rei Luiz Felipe: "A responsabilidade só existe quando não se triunfa".

ELIPHAS LEVI — Aceito esta máxima. Que é, com efeito, uma coisa conquistada? É a coisa bem feita. Fazer bem é triunfar; e, aquele que não triunfa, é mais ou menos responsável por sua torpeza. As coisas, na realidade, estão de tal forma ordenadas pela Sabedoria Suprema que o mal não poderia ter um êxito real e durável, e que o bem, apesar de todas as demoras e de todos os obstáculos, chega sempre a seu fim. Falas do mal que se produziu a propósito do Cristianismo. Este mal passou em parte, e o que dele resta, passará. Porém, o bem ficou e ficará. Não é em nome de Torquemada, e sim em nome de Vicente de Paula que as irmãs de Caridade cuidam dos pobres órfãos. Alexandre VI não publicou jamais uma constituição apostólica justificando o envenenamento e o incesto. A religião é santa, os homens é que são maus.

O PANTEÍSTA — Não, senhor, os homens não são maus. Falando assim, calúnias a tua mãe; a santa e divina natureza; porém reflete e te ressentirás de tua deplorável educação clerical. Sabes o que tornava mau Alexandre VI? É que ele se achava o vigário e o representante de Deus, que queima eternamente seus inimigos; no entanto os inimigos do Papa, aos olhos do Papa, não são os inimigos de Deus? O veneno dos Bórgias era uma pena muito doce comparada com os suplícios do Inferno; e, quem sabe se este indulgente vigário de J. O. não dava indulgências para o outro mundo às suas garrafas de vinho de Siracusa. Diz-se que envenenava as hóstias; era uma forma de torná-las ativamente indulgentes para a boa morte; não era ele o mestre dos mestres e o rei dos reis? Não era ele infalível, o que quer dizer, certamente, impecável? Ah! não nos fales de tuas perniciosas crenças; elas conduzem à apoteose de um novo Nero, sempre que este, no lugar da coroa dos Césares, leve a tiara dos pontífices. Não canonizaste o horrível e sangrento Chisleri? Vosso Veillot não verte ainda

lágrimas de crocodilo sobre a abolição dos autos de fé? Oh! se esta gente retomasse por um instante o poder, como nos arrojariam a todos com nossos filhos e nossas mulheres, sob as rodas do carro carcomido que arrasta ainda seu implacável Jaggrenat! Não te declares mais católico; tu que és um livre pensador, ou cuidas que a santa inquisição de Roma não te peça conta de tuas obras! Deixa esse Vaticano do qual os deuses partiram há muito tempo, de onde até os ratos começam a fugir e sobre o qual se formam, desde a vitória de Mentana, nuvens de corvos e de abutres.

ELIPHAS LEVI — Alto lá, senhor! Se há corvos no Vaticano, há também águias. É a França que tem à Roma, e Roma tarde ou cedo, deverá contar com a França que marcha, como o sabes, à cabeça da civilização e do progresso. Segundo os sectários de Veuillot, que os abandonou, o Papa seria a reação e a compreensão divinizada; porém, não será assim. O Papa será ou não será; eu acredito que deve ser e que não pode ser senão o Evangelho coroado.

O PANTEÍSTA — Estas ainda nisto e não vês que o Evangelho foi superado há muito tempo pelo bom senso e pela ciência. Existem coisas boas no Evangelho, bem o sei; é a boa semente misturada à ancinho. Porém, há também ensinamentos bárbaros e doutrinas deploráveis, assim, perdoar a seus inimigos para que Deus os castigue ainda mais; não resistir ao mal; odiar seu pai e sua mãe, odiar-se a si mesmo, o que dá um sentido estranho ao conceito de amar ao próximo como a si mesmo; alentar a preguiça pela esmola e a injustiça pelo abandono voluntário do que de ti se quer roubar; preferir o isolamento estéril à vida familiar, odiar ao mundo e fazer-se odiar por ele; pois bem, o mundo, no sentido do Evangelho, é a sociedade dos homens. Matar ante o rei, ou melhor, ante Deus àqueles que não querem que seu filho, ou seja, Jesus Cristo, representado pelo Papa, reine sobre eles; abjurar da sua razão, quebrantar seus efeitos, adorar a humilhação e a dor, eis aqui o fundo destes evangelhos, tão insípidos; o resto, ou seja, os preceitos verdadeiramente morais, pertencem à filosofia de todos os séculos. Eis aí, o fundo da religião Cristã, na verdade; um homem razoável não pode hoje nem defender publicamente nem admitir em segredo, semelhante religião! O catolicismo deixou de ser uma Igreja; é uma seita e a mais horrível de todas as seitas. Até o protestantismo já não tem razão de ser e vai dissolvendo-se dia a dia no panteísmo que é a única religião universal e verdadeira.

ELIPHAS LEVI — Muito bem. Então tudo é Deus, eu sou Deus, tu és Deus, a tolice é Deus, o crime é Deus e por conseguinte, segundo tu, até Veuillot é Deus; o clericalismo é Deus e o Papa é Deus.

O PANTEÍSTA — Nada de brincadeiras indignas de ti. Deus é a afirmação e não a negação de todas as coisas; é o que é e não o que pretende ser; é a verdade e não a mentira: não tendes dito tu mesmo que o mal não tem existência real?

ELIPHAS LEVI — Absolutamente, sem dúvida! Porém, há no relativo uma existência demasiado real, já que opera contra o bem. Logo, esta ação, segundo tu, vem de Deus?

O PANTEÍSTA — Sim, como a tua sombra vem do teu corpo e como as doenças vêm da saúde.

ELIPHAS LEVI — Então teu Deus esta enfermo quando os homens fazem o mal; e, quando dizem mentiras é o espírito de Deus que lhes empresta a sua sombra?

O PANTEÍSTA — A luz precisa da sombra para produzir as formas visíveis, e o que chamas de mal é necessário para o triunfo do bem. Deus faz sombra para manifestar sua luz e não se mostra como luz senão para justificar sua sombra; eis aqui o que quer dizer o vosso mistério de redenção, eis aqui a razão de ser do diabo, que é a máscara de sombra da face esplêndida de Deus, eis aqui o equilíbrio do céu e do inferno, eis aqui o Satã do livro de Job recebendo do mesmo Deus a missão de atormentar ao justo; eis aqui porque teus símbolos relatam que Jesus Cristo desceu aos infernos?

ELIPHAS LEVI — Então, há mais culpáveis? Todos os homens são inocentes; os anjos das trevas são os servidores da máscara Divina, a penalidade é uma injustiça, a moral é uma trapaça estendida aos débeis para fazê-los escravos dos fortes, os malvados são os mais poderosos auxiliares da virtude e o justo lhes deve suas coroas? Não sentes, senhor, que a doutrina tão monstruosa é subversiva de toda ordem e que, por conseguinte, é contrária a toda verdade, porque a ordem é a verdade e o que é desordem é a mentira?

O PANTEÍSTA — O que dizes provém do teu sistema de ocultismo, porém, no fundo pensas como eu.

ELIPHAS LEVI — Protesto! Pelo contrário. Creio em Deus, causa de tudo e não confundo a causa com o efeito. Creio na liberdade do homem e por conseguinte na sua moralidade. Concedo-te todo o resto.

QUARTO DIÁLOGO

UM ISRAELITA e ELIPHAS LEVI

O ISRAELITA — Tendo ouvido a tua conversa com esse ateu, constato com prazer que liquidas os erros do cristianismo.

ELIPHAS LEVI — Sim, sem dúvida; porém, é para defender suas verdades com maior energia.

O ISRAELITA — Quais são as verdades do cristianismo?

ELIPHAS LEVI — As mesmas que as da religião de Moisés, mais os sacramentos eficazes com a fé, a esperança e a caridade.

O ISRAELITA — E mais ainda a idolatria; ou seja, o culto que devido a Deus, rendido a um homem e até a um pedaço de pão. O sacerdote colocado no lugar do próprio Deus e condenando ao inferno aos Israelitas, ou seja, os adoradores do verdadeiro Deus e os herdeiros da sua promessa.

ELIPHAS LEVI — Não, filho dos nossos pais; nós não pomos nada no lugar de Deus. Cremos, como tu, que sua divindade é única, imutável, espiritual e não o confundimos com as suas criaturas. Adoramos a Deus na humanidade de Jesus Cristo e não à essa humanidade no lugar de Deus. Existe entre nós um mal entendido que dura muitos séculos e que tem feito derramar muito sangue e muitas lágrimas. Os pretensos Cristãos que te perseguiram eram fanáticos e ímpios, indignos do espírito daquele Jesus que perdoou aos que o crucificaram e morreu dizendo: "Perdoai-os, meu pai, pois não sabem o que fazem". Nosso dogma, por outro lado, não começa com Jesus Cristo; ele está contido completamente nos mistérios da Cabala, cuja tradição remonta-se até ao Patriarca Abraão. Nosso Homem-Deus é o tipo humano e divino do Zohar realizado num homem vivo. Nosso Verbo encarnado chamado Logos por Platão e por São João, O Evangelista, quer dizer: razão manifestada pela palavra; chama-se Hochmah na doutrina das Sefirot.

O ISRAELITA — Interrompo-te aqui e de claro que, entre nós, a Cabala não é autor idade. Não a conhecemos mais, porque foi profanada e desfigurada pelos Samaritanos e pelos Gnósticos Orientais. Maimônides, uma das grandes luzes da sinagoga, considera a Cabala como inútil e perigosa; não quer que nos ocupemos dela; quer isto sim, que nos atenhamos ao símbolo, do qual ele mesmo formulou os treze artigos no Sefer Thorá, aos profetas e ao Talmud.

ELIPHAS LEVI — Sim, porém o Séfer Thorá, os profetas e o Talmud são ininteligíveis sem a Cabala. Direi mais: estes livros sagrados são a própria Cabala escrita em hieróglifos hieráticos, ou seja, em imagens alegóricas. A escrita é um livro fechado sem a tradição que a explica; e, a tradição é a Cabala.

O ISRAELITA — Heis aí o que nego. A tradição é o Talmud.

ELIPHAS LEVI — Dizes que o Talmud o véu da tradição; a tradição é o Zohar.

O ISRAELITA — Podes prová-lo?

ELIPHAS LEVI — Sim, se tiveres a paciência de escutar-me; pois teria que razoar bastante, citar e comparar autores, apreciar o que dizem Franck e Drach, dois sábios cabalistas que não estão de acordo; explicar o Gênesis e Ezequiel, buscar neste último a chave do Apocalipse de São João, analisar a Mishna e ver em que difere essencialmente da dos Gemarah, aplicar aos sete primeiros capítulos do Gênesis as chaves alfabéticas e numéricas do Sefer Yetzira, voltar aos livros dogmáticos do Zohar, estudar a fundo o Siphra Di-Tzeniutha com as explicações do grande e pequeno Sínodo. Tudo isto leva tempo, que, te dedicaria com boa vontade se esperasse ser-te útil e pediria uma atenção longa e contínua, que seguramente, não ma darias.

O ISRAELITA — Porque?

ELIPHAS LEVI — Porque não sou um rabino, nem sequer um Israelita; pelo menos, como o acreditas.

O ISRAELITA — Como o creio! E estou bem seguro disso.

ELIPHAS LEVI — É inútil que fale por mais tempo, pois escutar-me-ias com uma desconfiança que aumentaria com a mesma força das minhas razões. És ainda por demais judeu! Venha visitar-me quando duvidares da tua religião que te mostrarei a nossa.

QUINTO DIÁLOGO

UM PROTESTANTE e ELIPHAS LEVI

O PROTESTANTE — Senhor, escreveste isto em um de teus livros: "Eu sou mais católico que o Papa, mais protestante que Lutero". Qual pode ser o sentido destas estranhas palavras?

ELIPHAS LEVI — Isto quer dizer que considero como admissíveis à comunhão universal todos àqueles a quem o Papa excomunga e que protesto contra as fantasias dogmáticas de teu mestre, Martin Lutero.

O PROTESTANTE — Pretenderias então fundar uma nova seita?

ELIPHAS LEVI — Pelo contrário; desejaria fundir todas as seitas em uma fraternal unidade.

O PROTESTANTE — Podes acreditar que o Papa te aprovará?

ELIPHAS LEVI — O Papa não me censurou ainda.

O PROTESTANTE — E se ele censurasse?

ELIPHAS LEVI — Eu aprovaria sua censura de antemão.

O PROTESTANTE — Então ris dele e de nós?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

